

ALAN

Autor vencedor do
MAN BOOKER
PRIZE

HOLLINGHURST

O

CASO

SPARSHOLT

“A obra de um mestre.”

OBSERVER

“Hollinghurst é um
forte candidato – talvez
o candidato indiscutível
– a melhor escritor
inglês da atualidade.”

GUARDIAN



D. QUIXOTE

Alan Hollinghurst
O Caso Sparsholt

Alan Hollinghurst

O Caso Sparsholt

Traduzido por
Tânia Ganho



D. QUIXOTE



Título: *O Caso Sparsholt*
Título original: *The Sparsholt Affair*
Copyright: © 2017, Alan Hollinghurst
© 2018, Publicações Dom Quixote

Edição: Carmen Serrano
Tradução: Tânia Ganho
Revisão: Rita Almeida Simões

Imagem da capa: Vlad Mazai
Fotografia do autor: Robert Taylor
Paginação: LeYa
Impressão e acabamento: GUIDE – Artes Gráficas, Lda.

1.ª edição: setembro de 2018
ISBN 978-972-20-6586-3
Depósito legal n.º 444083/18

Publicações Dom Quixote
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal
www.dquixote.pt
www.leya.com

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Para Stephen Pickles

I
UM NOVO RAPAZ

A noite em que ouvimos o nome Sparsholt pela primeira vez parece ser o melhor ponto de partida para este livrinho de memórias. Encontrávamo-nos na minha sala, a conversar sobre o Clube. O pintor Peter Coyle estava lá, e o Charlie Farmonger, e o Evert Dax. Tínhamos feito uma espécie de votação, através da qual fui eleito secretário. Eu era um ano mais velho do que todos e, como estava isento do serviço militar, não fazia nada, a não ser ler.

– Oh, o Freddie lê dois livros por dia – disse o Evert, o que até talvez fosse verdade; protestei que o meu ritmo era mais lento, se os livros fossem em italiano ou russo. Era esse o meu papel e desempenhava-o com a pose sobranceira de um aluno de teatro. O objetivo do Clube era convidar escritores conhecidos para virem fazer-nos uma palestra e ler-nos trechos das suas obras mais recentes; oferecíamos-lhes um jantar decente, o que, naquela época, era uma promessa arriscada, e depois do jantar, uma sala apainelada pejada de jovens leitores entusiastas, uma provisão de que já nos sentíamos mais seguros. Quando começaram os bombardeamentos, as pessoas quiseram saber o que pensavam os escritores.

O Charlie sugeriu Orwell, e dois ou três nomes que não tínhamos conseguido aliciar no ano anterior vieram novamente à baila. Será que Stephen Spender aceitaria o convite, ou Rebecca

West? Nancy Kent já estava na calha, para falar sobre Espanha. O Evert, com a sua falta de sentido prático, mencionou Auden, que estava em Nova Iorque e não deveria regressar enquanto a Guerra não acabasse. («Também não faz cá falta», comentou o Charlie.) Foi o Peter quem disse, certamente ciente de que o Evert não queria que ele o fizesse:

– Porque é que não pedimos ao Dax para convidar o Victor? – O mundo conhecia o pai do Evert pelo nome A. V. Dax, mas nós reivindicávamos, por interposta pessoa, a intimidade do nome próprio.

O Evert já se esgueirara para junto da janela, onde se postou a observar o pátio. Havia sempre uma certa tensão entre ele e o Peter, que gostava de provocar os amigos e até de os embaraçar.

– Hum, não me parece boa ideia – respondeu o Evert, por cima do ombro. – As coisas andam um pouco complicadas, neste momento.

– Andam complicadas para toda a gente – retorquiu o Charlie.

O Evert concordou educadamente, embora os seus pais permanecessem em Londres, onde, umas noites antes, uma bomba tinha destruído a igreja ao fundo da sua rua. Num tom particularmente perturbado, disse:

– Só tenho receio de que não venha ninguém.

– Oh, é claro que vem – redarguiu o Charlie, com um sorriso estranho.

O Evert olhou à sua volta e pediu-me auxílio:

– Que tal te parece o livro novo?

Eu tinha *O Dom de Hermes* pousado no braço da cadeira, virado para baixo, aberto mais ou menos a meio, e embora não tivesse encalhado, já estava a alterná-lo com outro texto. Ia quebrar o meu ritmo diário e, de facto, era como atacar um livro numa língua estrangeira. Mesmo impresso no terrível papel fino da época, era um volume grosso.

– Eu sou um grande admirador, como sabem – respondi.

– Pois, eu também – disse o Peter, passado um instante, mas em tom mais caloroso; era um verdadeiro adepto dos grandes romances simbólicos de A. V. Dax, admirando-lhes as qualidades pictóricas, os ambientes e as cores peculiares, e a sua psicologia complexa. – Estou a ler o novo devagar – admitiu –, mas é claro que é um grande livro.

– Tem algumas piadas? – perguntou o Charlie, com uma gargalhada falsa.

– Isso nunca é propriamente importante num romance do Dax – disse eu.

– Não o leste? – perguntou o Peter, aproximando-se da janela, para ver o que o Evert observava.

Eu sabia que o coitado do Evert nunca tinha lido senão as primeiras páginas dos livros do pai.

– Não consigo – disse ele, mais uma vez –, não sei porquê... – E, vendo o Peter junto de si, virou-se novamente para a sala com uma expressão pesarosa.

Passado um instante, o Peter disse:

– Deus do céu! Viste, Dax?

– Oh... o que foi...? – disse o Evert, e eu demorei a destrinçar a nova confusão da anterior.

– Freddie, já alguma vez viste aquele homem?

– Quem? – Aproximei-me. – Ah, referes-te ao exibicionista?

– Oh, não, desapareceu... – disse o Peter, continuando de olhos fixos lá fora. Postei-me junto do ombro dele, a observar também. Era aquele breve instante entre o pôr do Sol e o *black out*, em que se conseguia ver para dentro dos quartos das outras pessoas. Vidraças altas que tinham refletido o céu o dia inteiro brilhavam agora sociavelmente, aqui e ali, e viam-se figuras a trabalhar, ou a andar de um lado para o outro, por trás da grelha iluminada dos caixilhos. Na janela mesmo em frente, o velho

Sangster, o professor cego de Francês, dava uma explicação a um rapaz tão inerte, que parecia estar a dormir. E, no andar de cima, por baixo da horizontal escura da cornija e do largo frontão triangular, uma só janela estava iluminada por um candeeiro na secretária, que projetava um arco brilhante da parede ao teto.

– Vi-o no outro dia – disse eu. – Deve ser um dos rapazes novos. – O Peter ficou à espera, fingindo-se paciente; e o Evert, sem desfranzir o sobrolho, voltou a aproximar-se e espreitou também pela janela. Uma sombra rítmica começara a saltar e a encolher no teto distante.

– Ah, sim – respondeu o Evert, no momento em que a origem da sombra se tornou lentamente visível, uma figura com uma reluzente camisola de alças, a levantar e a baixar regularmente um par de halteres. Fazia-o com concentração, mas, aparentemente, sem esforço, embora, claro está, fosse difícil perceber àquela distância, à qual ele aparecia, no seu quadrado de luz, tão colossal e absorto como se fosse, ele próprio, feito de luz. O Peter pousou a mão no meu braço.

– Meu querido – disse ele –, acho que encontrei o meu novo modelo. – Perante isto, o Evert soltou uma pequena exclamação e, por um segundo, fitou-o furiosamente.

– Bem, então é melhor despachares-te – retorqui, porque ultimamente os novos rapazes partiam tão depressa e discretamente como tinham chegado.

– Até tu tens de admirar aquela cabeça magnífica, Freddie, parece a de um gladiador romano – disse o Peter –, e aqueles ombros pujantes. Vês as veias azuis salientes na parte de cima dos braços?

– Não sem o meu telescópio – redargui.

Fui encher a chaleira à torneira do patamar e encontrei a Jill Darrow a subir as escadas; estava atrasada para a reunião na qual ela própria provavelmente teria gostado de votar. Fiquei muito

contente por a ver, mas o ambiente, que assumira um tom levemente pervertido, mudou bastante quando ela entrou na sala. A Jill não tivera a mercê de passar dez anos num colégio interno para rapazes, com todas as suas depravações inerentes; duvido que alguma vez tivesse visto um homem nu.

– Ah, Darrow – disse o Charlie, e começou a levantar-se, mas, depois, deixou-se cair na cadeira com uma informalidade que poderia, ou não, ter sido lisonjeira. – Queremos que o Dax convide o pai – anunciou, enquanto ela despiu o casaco e via quem estava presente. Eu comecei a fazer o chá.

– Ah... – disse a Jill. Na presença do Evert, havia uma incerteza natural sobre o que se podia dizer acerca de A. V. Dax.

À janela, o próprio Evert parecia não se ter apercebido de que ela entrara. Ele e o Peter continuaram de pé, de olhos cravados no quarto em frente. Eram expressivos, de costas: o Peter mais pequeno, de cabelo grosso e temperamental, e casaco de *tweed* com remendos que emanava sempre um leve cheiro a químicos do *atelier*; o Evert, impecável e hesitante, um rapaz fruto de uma educação severa, de fato invulgarmente bom, que parecia contemplar o prazer como quem contempla a margem distante de um rio.

– O que é que vocês os dois estão especados a ver? – perguntou a Jill.

– Não olhes – avisou o Peter, virando-se e sorrindo-lhe. Perante isso, ela foi direita à janela, comigo no seu encalce. O gladiador ainda estava à vista, embora agora se encontrasse de costas, a fazer qualquer coisa com uma corda. Quase fiquei aliviado ao ver que os criados tinham começado as suas rondas. Numa janela, e depois na seguinte, apareceu uma figurinha de casaco preto, que levantou os braços para fechar as portadas e eliminou todos os sinais de vida. Em frente, o criado entrou nos aposentos do Sangster, meio escondido pelo biombo oblongo que transportou

para dentro da sala e, passado um minuto, reapareceu, deu a volta aos dois ocupantes e, ajoelhando-se no banco da janela, olhou pelas vidraças durante uns curiosos segundos e, em seguida, fechou as portadas altas. À hora do jantar, os grandes edifícios de pedra estariam escuros como ruínas.

– Ah, Phil – disse o Charlie. Atrás de nós, o meu criado tinha entrado para fazer o mesmo.

– Sabe quem é aquele rapaz, Phil? – perguntei, num tom severo.

O Phil tinha combatido na Batalha de Loos e, depois dessa primeira guerra, passara quinze anos na polícia de Oxford. Era afável e dedicado ao colégio¹, mas, por vezes, parecia arrepen-der-se de ter terminado a sua carreira assim, de avental, a limpar o pó e a lavar a louça de rapazes que ele não tinha o poder de disciplinar.

– O que foi que disse? – Encostou o biombo à parede e aproximou-se avidamente, como se eu tivesse avistado um herege. Reparei que os nossos reflexos pairavam muito ao de leve entre nós e a vista sobre as outras janelas. Apontei para cima.

– Aquele rapaz... ridículo – expliquei.

– Ah, aquele – respondeu Phil, ligeiramente desiludido, mas tentando, por um instante, partilhar o nosso interesse pela figura luminosa. – Por acaso, tive conhecimento de que houve alguns problemas por aquelas bandas.

– Que tipo de problemas? – perguntou o Peter.

– Barulho. O Dr. Sangster tem-se queixado disso.

– Ah, sim...? – disse o Evert. – Barulho...?

– Um ranger rítmico, segundo consta – especificou Phil, com olhar carregado.

¹ A Universidade de Oxford é composta por uma série de *colleges*, colégios universitários que funcionam como instituições autónomas. (N. da T.)

– Oh, meu Deus... – exclamou o Evert.

– Na verdade, ele não é dos nossos – acrescentou o Phil.

– Ah – disse eu.

– Não, é um dos rapazes de Brasenose – explicou o Phil. No edifício amplo e penumbroso do nosso colégio, com as suas escadarias semidesertas desde o início da guerra, tinham sido alojados, aqui e ali, novos membros dos colégios requisitados, caloiros que, além de desnorteados, se viam na condição de deslocados. Brasenose tinha sido requisitado por um ministério qualquer, que, segundo o meu orientador, não sabia muito bem o que fazer do espaço. – Dá-me licença, Mr. Green?

– Claro, Phil.

– Por acaso não sabe como se chama? – perguntou a Jill.

– Chama-se Sparsholt, Miss Darrow – respondeu o Phil, tossicando, enquanto fechava as portadas e colocava a barra de ferro firmemente na ranhura.

– *Spar... sholt* – repetiu o Peter, pesando a palavra e sorrindo maliciosamente para o Evert. – Parece o nome de uma parte de um motor, ou de uma arma.

O Phil fitou-o, inexpressivo, durante um segundo ou dois.

– Concordo consigo – disse, e dirigiu-se para o interior do meu quarto.

Numa mesa, dispus as minhas melhores chávenas de porcelana de Meissen, com a esperança de que agradassem à Jill, e, no novo aconchego da sala apainelada e de portadas fechadas, instalámo-nos para tomar chá.

A Jill ficou, como minha convidada, para o jantar no Salão² do colégio e, no fim, desci com ela até ao portão.

² O Salão, ou «The Hall», é um magnífico espaço renascentista, onde os membros do colégio podem fazer três refeições diárias, incluindo um jantar formal, todas as noites, que requer o uso do manto académico. (*N. da T.*)

– Eu acompanho-te – disse. Ela estava instalada no Colégio de St. Hilda, a quinze minutos a pé, mas, com o *blackout*, a caminhada tornava-se um pouco mais difícil.

– Não há necessidade nenhuma – respondeu.

– Não, a sério, dá-me o braço. – E ela assim fez, de uma maneira bastante comovente.

Pusemo-nos a caminho, comigo a empunhar a lanterna tapada com fita-cola, mas, como levava o cotovelo da Jill aconchegado junto ao tronco, parecia que virávamos e apontávamos o foco em sincronia. Senti, não obstante, uma certa relutância nela. Um minuto depois, soltou-se para calçar as luvas e prosseguimos assim, passando pelo gradeamento alto do Colégio Merton, presentindo na noite, mais do que propriamente vendo, o vulto enorme da sua capela e torre. A Jill olhou para cima. A escuridão parecia insinuar algo entre nós e, embora julgue que ela estava contente por ter a minha companhia, a sensação era constrangedora, como se ela tivesse cedido a um pedido qualquer. Eu sabia que, assim que os olhos se adaptassem ao negrume, podia ser mais fácil caminhar sem os sobressaltos da lanterna; estranhamente, uma pessoa deslocava-se com mais confiança. No entanto, falávamos praticamente em sussurros, como se receássemos que alguém nos escutasse. Era frequente, naquelas noites, roçarmos subitamente noutras pessoas que iam a passar, ou que estavam paradas, completamente invisíveis.

O carreiro era um desfiladeirozinho negro e mal conseguíamos ver a sua orla de edifícios de empenas e chaminés contra o céu cinza-escuro como carvão. Em tempo de paz, as nuvens absorviam e dispersavam as cores das luzes por baixo delas, mas, no *blackout*, reinava uma escuridão absoluta. Eu pensava que conhecia aquela rua que já tinha percorrido uma centena de vezes, mas a memória não parecia condizer exatamente com os ténues indícios de portas, janelas e gradeamentos pelos quais

íamos passando. Questionei a Jill sobre o seu trabalho e, imediatamente, ela ficou menos constrangida. Estava a estudar História, mas os seus interesses centravam-se em Arqueologia e nas coisas extraordinárias reveladas pelos bombardeamentos aéreos em Londres. Explicou que as bombas que destruíam igrejas por vezes atravessavam as camadas subterrâneas – Tudor, medievais, romanas –, expondo-as, de uma maneira que nenhum esforço humano concertado teria conseguido fazer. As questões humanas da devastação, a perda de vidas e de lares, impressionavam-na muito menos. Falou com entusiasmo sobre tijolos, caixões, moedas e fragmentos de cerâmica. Comentei que devia ser frustrante para ela o facto de Oxford ter escapado praticamente incólume e observei-a, se é que se consegue observar às escuras, a identificar que se tratava de uma piada e a ignorá-la. Desde o início, a Jill fora uma daquelas pessoas que passam pela vida de estudante com os olhos firmemente postos no futuro: era um processo urgente e não uma bela dilação. O futuro, porém, mudara para todos nós, a cidade fora invadida por uma sensação de transitoriedade e de (quase) prontidão para a ação que nunca chegava a ocorrer no seu espaço. Partilhariam outros amigos a minha impressão de que podíamos perder a guerra e em breve? Eram raras as conversas derrotistas e autocensuravam-se assim que despontavam. A Jill fizera a sua escolha, pelo Exército, mas a sua mente estava concentrada nas grandes coisas que faria assim que ganhássemos a guerra.

Detive-me junto do portão do Colégio de St. Hilda, semi-iluminando a nossa despedida.

– Então, boa noite – disse eu, com um tremor cómico.

A Jill parecia olhar por cima do meu ombro.

– Será que o Peter vai pintar o tal rapaz?

Virei-me.

– Quem?

– O rapaz novo – respondeu ela. – O Sparsholt.

– Ah, esse. – Ri-me. – Bom, geralmente o Peter consegue o que quer.

– Pelo que vi, daria um bom modelo – disse a Jill, e despedimo-nos com um aperto de mão.

Eu estava à espera de mais e, enquanto atravessava a ponte sozinho, e voltava a descer Merton Lane, inquietei-me com a minha timidez e planeei fazer umas investidas mais confiantes, da próxima vez que nos encontrássemos. Virei o rosto dela para mim e descobri beleza na sua simetria. Tinha os olhos cinzentos, o queixo forte de uma soprano wagneriana e uns dentes pequeninos e brancos. De perto, emanava um odor hipnotizante. Por enquanto, teria de me contentar com isto.

2

O Evert escreveu ao pai e, uns dias depois, apareceu para dizer que o nosso convite fora aceite: Victor Dax teria todo o gosto em fazer uma palestra no Clube. A carta do grande homem era curta e praticamente ilegível, o papel encimado por um brasão turvo e o lema «*Montez Toujours*».

– Marcamo-lo para a quinta semana, que tal? – Sorri, confiante, e comecei a sentir-me eu próprio nervoso, com receio de não termos público.

O Evert ainda estava de farda caqui, tendo passado a última hora, aproximadamente, a marchar de um lado para o outro, nos grandes terraços de pedra do Pátio Tom³, às ordens do velho

³ Os edifícios dos colégios de Oxford encontram-se dispostos em redor de pátios quadrangulares relvados, que se chamam *quads*; o Pátio Tom ou Pátio Grande, no Colégio de Christ Church, data do século XVI e é o maior pátio relvado de Oxford; o nome deriva do sino, conhecido por «Great Tom», que encima a sua torre e que dizem estar para Oxford como o Big Ben está para Londres. (*N. da T.*)

Edmund Blunden. Quero dizer, aos nossos olhos, Blunden parecia velho, quando vinha ensinar-nos manobras militares ou buscar voluntários relutantes, para os ensinar a ler mapas, embora, na realidade, ainda estivesse na casa dos quarenta, uma figura franzina como um pássaro, com obscuras reservas de sabedoria. Eu quase os invejava por causa das suas excursões a Cumnor Hill ou a Newnham Courtenay, sobrepostos, a meu ver, a um mapa espectral da guerra precedente que ele testemunhara e sobre a qual escrevera. O Evert, porém, detestava aquilo tudo e parecia infelicíssimo de farda militar; marchava, das poucas vezes que eu o vira treinar, com um ar de dignidade ofendida, a raiar a insubordinação.

Ele sentou-se e pegou num livro, mal se apercebendo de que se estava a tornar uma visita frequente dos meus aposentos. Tínhamos convivido um pouco quando ele era caloiro e, agora que todos os amigos que fizera na altura tinham sido recrutados, sentia-se claramente sozinho. Temia certamente o momento, que se avizinhava a passos largos, em que ele próprio seria convocado. Tinha qualquer coisa de instável; o seu rosto pálido, de olhos escuros, sob uma madeixa de cabelo que lhe caía para a testa, deixava adivinhar sentimentos que raramente exprimia. Para mim, ele era interessante por si só e, além disso, tinha o *glamour*, e o peso, do seu apelido curto, mas famoso. Sempre fizera parte do seu atrativo, para mim, ele ser filho de A. V. Dax, mas era um sinal da nossa amizade o facto de já raramente me lembrar disso. Para ele, a questão era mais complicada e inexorável. Suspirou e, pousando o livro, mostrou-me outra carta, desta feita da mãe; depreendi que os pais, embora ainda vivessem juntos na casa de Chelsea, levavam vidas semi-independentes, mas achei que não lhe devia fazer perguntas sobre isso. Não percebi até que ponto o próprio Evert estava por dentro da situação. A carta da mãe descrevia os horrores do *Blitz*, num tom alegremente

queixoso. Dizia que o pai dele se rira, quando ela se atirara para o chão, enquanto caía uma bomba, e estragara um casaco caro; ele recusava-se a ir para os abrigos com o povo.

Evert levantou-se para se ir embora e disse:

– Ah, já agora, voltaste a ver o... como é que ele se chamava?

– De quem é que estás a falar? – perguntei.

– *Sparsholt*, era esse o nome do rapaz novo, não era? – Foi espreitar, mas ainda só eram três horas e a longa fila de janelas do último andar estava opaca. Nenhum de nós sabia ao certo qual delas era a correta e, nesse ano, havia muitos quartos vazios e fechados à chave.

– Creio que o vi no Salão – respondi, cautelosamente.

– Ah, já sei – disse o Evert. – Ele senta-se na mesa do remo. Juntaram todos os remadores no mesmo sítio. É o suficiente para uma pessoa ter vontade de se inscrever na modalidade. Não por causa do Sparsholt, quero eu dizer... por causa da comida a mais que lhes servem. – Corou, mas o assunto era bastante claro entre nós; vi-o tomar a decisão de desenvolver o tema. Afinal, ele já tinha avistado o Sparsholt antes do dia em que o observámos do meu quarto, na primeira semana de aulas. Vira-o, uma vez, voltando do rio a correr, com o fato de remo, vira-o no Salão e, uma noite, não o vira e esbarrara nele na escuridão quase total, na esquina do edifício Kilcannon. Mas a imagem captada da minha janela, de Sparsholt seminu no seu quadrado de luz, fora o ponto de viragem, em que o interesse suscitado por esses encontros fortuitos se tornara uma obsessão. Tive de fazer um ligeiro esforço para compreender. Era como se ele tivesse desejado a sua própria submissão, que assumia, a cada minuto que passava, uma voluptuosa inevitabilidade. Não sabia nada sobre aquele rapaz, mas, naquele instante, entregara-se a ele. Ou, para usar as suas palavras, apaixonara-se.

– E já falaste com ele? – perguntei.

O Evert quase ficou chocado.

– Bom, quando ele esbarrou em mim – respondeu –, mas desde então... não, não.

O Peter Coyle, tal como eu esperava, fora muito mais ousado e escrevera imediatamente uma carta ao Sparsholt, em papel da Slade School⁴, a perguntar se lhe podia desenhar o retrato. Não recebera resposta, embora eu tenha sentido, duas noites depois, no Salão, onde me sentei de frente para a mesa dos remadores, que havia um toque sutil de constrangimento no Sparsholt, uma primeira desconfiança incômoda, no seu rosto jovem e austero e no seu ar íntegro e reservado, de estar a ser observado, ou de já se ter tornado, naquele lugar que lhe era tão novo, alvo de um boato. Duvido muito que tenha reparado em mim, ou no Evert, que lhe lançava olhares ávidos, quase aterrorizados. Parecia contemplar-nos como se fôssemos uma multidão indistinta e ainda alheia. Depois do jantar, abandonou rapidamente os companheiros de mesa e eu pensei no quão fácil teria sido chamá-lo, enquanto nos deslocávamos, cada um com a sua lanterna, através dos pátios escurecidos.

Foi fácil descobrir mais coisas sobre ele. Na portaria, no dia seguinte, vi, nos avisos do Clube Náutico, que as iniciais dele eram D. D. e, na lista de seminários de orientação, que ele era engenheiro. Estes primeiros parcos retalhos foram, de certo modo, desencorajadores: os cientistas e os remadores moviam-se num mundo à parte, pautado pelas suas rigorosas rotinas. Porém, o poder de atração que o Sparsholt exercera instantaneamente no Peter e no Evert investia-o, ainda assim, de um ligeiro *glamour*, embora desconcertante. Para mim, havia qualquer coisa de inflexível no apelido dele, uma palavra que parecia designar a peça de

⁴ Faculdade de Belas-Artes do University College London, situada em Londres. (N. da T.)

uma máquina, como dissera o Peter, ou eventualmente uma pequena amostra dura de um qualquer minério; mas, agora, estava curioso com as iniciais D. D.

Aconteceu que me antecipei aos meus dois amigos. Todos os dias de manhã, o Phil entrava por volta das sete para abrir as portadas e limpar a minha sala de estar, enquanto eu, por norma, ficava na cama, a dormir e a sonhar ao som de rodinhas a ranger e do vaivém da sabrina na assoalhada ao lado. Ele acendia a lareira e recolhia a louça e os copos para lavar. No fim, batia à porta do meu quarto e abria-a num movimento rápido, com o instinto de um polícia para apanhar uma pessoa de surpresa. Eu saía, então, do quarto, envergando o meu roupão, e entrava num cenário que, no intervalo, fora fielmente restaurado: «O Mesmo Local. Na Manhã Seguinte.»

Hoje, enquanto esperava que a água fervesse na chaleira, contemplei o pátio com gratidão. Reinava uma sensação exacerbada de alívio, naquele momento, até em Oxford, por termos atravessado, incólumes, a noite. As luzes que de novo brilhavam tenuemente nas janelas, à medida que os criados faziam a sua ronda pelos quartos, eram sinais animadores de sobrevivência. Observei as figuras que apareciam, de sobretudo e pantufas, a caminho de casas de banho distantes. Havia menos gente agora, claro, e eu conhecia a maioria só de vista, mas estávamos ligados uns aos outros de uma maneira que não existia quando cá cheguei, antes da guerra. Preparava-me para virar costas, quando me apercebi de que a pessoa que deixava a primeira fila de pegadas na relva molhada, lá em baixo, era precisamente o Sparsholt, deslocando-se a passos largos de pijama, roupão azul e sapatos castanhos, e uma toalha pendurada ao pescoço como um cachecol. Emanava um ar de indiferença militar perante o frio matinal, desaparecendo rapidamente de vista.

Normalmente, eu barbeava-me depois do pequeno-almoço, quando não havia ninguém, mas, nessa manhã, tomei a decisão,

quase sem me aperceber, de ir atrás dele. Vesti o casaco e pus o chapéu de feltro que começara a usar recentemente, e desci as escadas a trote, pensando no que teria para contar ao Evert durante o nosso lanche de chá e papas de aveia. Era a comédia da competição que me instigava e não propriamente um interesse intrínseco pelo homem com quem decidira meter conversa.

Geralmente, evitava a grande casa de banho subterrânea no edifício ao lado, com as suas fileiras de lavatórios, labirinto de cubículos e portas sem fecho. Lembrei-me da sensação desconfortável de lá estar, nu e sozinho, na minha divisória cheia de vapor, sabendo que havia outras pessoas estendidas à minha volta, num silêncio quase total. Por vezes, alguém perguntava quem ali estava e iniciava-se uma conversa, como que telefónica e ligeiramente constrangida pela presença dos restantes de nós, fechados num silêncio ainda maior nos nossos respetivos cubículos. Quando para cá vim, o meu meio-irmão Gerald dissera-me que era o melhor lugar no colégio para um longo banho de imersão, o que eu desconfieei que significava mais qualquer coisa, no entendimento dele. A determinadas horas, era invadido pela equipa de rãguebi, enlameada e ensanguentada, pelos remadores exaustos, que recuperavam do esforço e se esticavam, em terna autoinspeção por entre camadas densas de vapor, um grande convívio e encontro nu. Não constituíam qualquer perigo, eu passava bastante despercebido entre eles, mas sabia que era um peixe fora de água.

Quando entrei, o Sparsholt tinha começado naquele instante a barbear-se e olhou para mim, no espelho, com um segundo de curiosidade. Confesso que senti uma descarga de excitação por estar na sua presença. Ele tinha apenas as calças de pijama e os sapatos postos, com os atacadores desapertados. Agora, sim, vi-lhe o tronco musculoso de perto, exposto com um orgulho descontraído. Pendurei o casaco e o chapéu e dirigi-me a um lavatório, deixando outro de permeio.

– Bom dia! – cumprimentei. Ele virou a cabeça, de navalha em punho, e disse:

– Bom dia! – num tom mais alegre do que eu esperava: percebi que estava contente por alguém lhe ter dirigido a palavra. Ouviu-se um chapinhar vindo de um cubículo vizinho, mas a sala cavernosa tinha um ar ermo. Ele tirou uma faixa de espuma do queixo, e depois outra e, enquanto eu ligava a torneira da água quente, observei discretamente o rosto dele a aparecer. Tive a sensação de que não sabia qual seria o seu aspeto.

– Nunca te vi – disse ele, novamente num tom mais de boas-vindas do que de desconfiança, olhando para mim e sorrindo por um instante. Os seus dentes fortes e saudáveis pareciam amarelos, no quadrado de espuma branca em redor da boca.

– Ah... chamo-me Freddie Green – apresentei-me. Ele pousou a navalha na beira do lavatório e esticou o braço:

– David Sparsholt.

– Sparsholt? – disse eu, absorvendo o «David», o mais inocente e simples de todos os D. Reparei que, sob a pálida armadura de músculos, era muito jovem. O pulso tinha pelos que, molhados, formavam riscas, mas o peito e a barriga eram quase imberbes. – Que nome invulgar.

Ele pestanejou como se pressentisse uma crítica.

– Bom, somos de Warwickshire – disse e, de facto, tinha um ligeiro sotaque regional que eu nunca teria sido capaz de identificar. Não insisti mais e, daí a um minuto, ele salpicou o rosto com água fresca e secou-se toscamente. Quando comecei a barbear-me, espirei na direção dele com uma expressão simpática. Ele virou a cabeça para a esquerda e para a direita, inspecionando o queixo no espelho com a vaidade eficiente que eu esperava nele: parecia satisfeito com o que via. Era atraente? Eu não saberia dizer. Para mim, um homem é atraente se estiver bem vestido e, como o Sparsholt estava muito pouco vestido, eu não tinha

referências. O seu rosto era largo, com um nariz ligeiramente curvo e uns olhos cinza-azulados, encovados e encimados por uma arcada supraciliar muito marcada. Usava o cabelo curto por cima das orelhas; curto, mas escuro e encaracolado no alto. O mais impressionante era o seu físico, claro, e percebi porque é que o Peter o queria como modelo; o que o Evert teria esperança de fazer com ele é que nem tentei imaginar.

– Em que forças te alistaram? – perguntou.

Expliquei-lhe a minha situação e a minha dispensa permanente do serviço militar e, ao fazê-lo, vi-lhe uma primeira expressão de desconcerto.

– Que azar – comentou, mas o lamento escondia um murmúrio de desconfiança. Observou-me atentamente, estando eu de camisola interior de alças, e depois talvez tenha tido pena de mim. Parecia tomado, como acontecia com outros homens fisicamente poderosos que conheci na vida, por um instintozinho quase inconsciente de ameaçar, bem como de reconfortar e até de proteger. – Que vais fazer?

– Bom, estou no terceiro ano de História, tenciono tirar a licenciatura completa e depois logo se vê. Em que forças te puseram?

Ele tinha a toalha novamente ao pescoço, as mãos nas ancas, os pés afastados. Vislumbrei-lhe por acaso o sexo através da braguilha aberta do pijama.

– Força Aérea – respondeu. – Vou aprender a voar. – O seu sorriso estreito pareceu outra vez ligeiramente provocador.

– Que maravilha – disse eu. E sentindo que devia acrescentar mais uma palavra de aprovação: – Vejo que fazes muito exercício físico –, não querendo explicar que já o tinha visto treinar e pensando, não obstante, que o meu tom parecia ávido; mas ele sorriu graciosamente.

– Bom, uma pessoa tem de se preparar, não é verdade? – retorquiu. Era evidente que a incerteza mórbida acerca do futuro,

que impregnava a maior parte das nossas vidas ao longo destes anos, não o afetava. Ele estava ansioso por isso. – Faço dezoito anos em janeiro. Nessa altura, alisto-me. – E explicou-me o seu plano, como faria uma pessoa tomada pela ansiedade, embora, no caso dele, eu só tenha visto a determinação alerta do soldado nato. Respondi que me surpreendia ele se ter dado ao trabalho de vir para Oxford só para fazer um período letivo. Mas ele tinha entrado para a universidade e, terminada a guerra, retomaria os estudos; também tinha incluído isso nos seus planos. Tiraria um curso e, depois, regressaria à sua terra e montaria um negócio, uma empresa de engenharia. – Haverá sempre necessidade de engenheiros – disse.

A porta do cubículo ocupado abriu-se e o Das, o único indiano no colégio, saiu de lá, enrolado numa toalha e a limpar os óculos rapidamente com uma meia suja. Olhou com uma espécie de interesse desconcertado para o Sparsholt, com quem claramente já se cruzara e que aproveitou a oportunidade para vestir o roupão e se ir embora.

– Espero que nos cruzemos outra vez – disse eu, ao ouvir a pancada seca da porta a bater. O Das, já de óculos postos, fitou-me com uma expressão quase acusadora.

– Aquele jovem é teu amigo, Green? – perguntou.

– Mm? – respondi, mas testando essa possibilidade nova e os meus sentimentos em relação a ela.

– Parece um deus grego!

– Oh, achas...?

– Mas é arrogante, muito arrogante.

Lavei a navalha com a água da torneira.

– Os deuses gregos também o deviam ser – redargui. Comecei a perceber que o efeito do Sparsholt era capaz de ser maior do que eu pensara.

Quando veio ao meu quarto, uns dias depois, o Evert apareceu novamente fardado, mas senti que estava a mudar de ideias acerca do serviço militar. Curvava as costas e esparramava-se amotinadamente, como fazia sempre que trajava a farda sem estilo, mas, de vez em quando, endireitava-se; punha os ombros para trás, quando se detinha diante da lareira, como se, afinal, valesse a pena desempenhar o papel de soldado.

– Como vai a Jill? – perguntou.

– A Jill vai bem – respondi.

– Pelos vistos, tens passado muito tempo com ela.

Na realidade, não a via desde o nosso passeio noturno por cima da ponte até ao Colégio de St. Hilda, e o bilhete que lhe mandei pelo correio universitário recebeu a críptica resposta: «Henrique III!», uma crise nalgum ensaio, depreendi eu.

– Acho que gostamos um do outro – respondi.

O Evert começou a vaguear pela sala. Eu tinha deixado o meu diário aberto em cima da secretária e vi-o desconcentrar o Evert, por um instante, quando disse:

– Já agora, segui o teu conselho acerca da casa de banho.

– Não lhe chamaria um conselho – retorqui.

Ele veio sentar-se no sofá.

– Por acaso, pensei que tinha falhado a oportunidade de me cruzar com ele, apesar de ter lá ido ao raiar do dia. Repara como venho bem barbeado.

– Reparei que te cortaste debaixo do queixo.

– Esse corte assinala o momento em que ele saiu finalmente do cubículo. Deve ter estado de molho no banho durante horas. Trazia só uma toalha. – O Evert sorriu pensosamente, de rosto corado. Falara com ele e pelos vistos haviam trocado meia dúzia de palavras. Disse que tinha corrido muito bem e sentou-se,

com ar solene, a reviver a conversa, levantando-se depois novamente para espreitar para o lado de lá do pátio.

– Não sei – disse eu –, espero que o Sparsholt não comece a desconfiar destes encontros na casa de banho.

– Estás a dizer que só tu é que te podes cruzar com ele e mais ninguém? – Percebi que, por acaso, era aquela a minha perspetiva sobre uma série de assuntos. – Tu nem sequer estás interessado nele! – exclamou o Evert; e, depois, num tom bastante desconfiado, por um instante: – Ou estás?

– Interessei-me por ele só por ser o alvo do vosso interesse – redargui. – Teu e do Peter – acrescentei, e vi-o fazer uma careta. – Estou a seguir o caso Sparsholt de um ponto de vista científico.

– Não lhe chamaria um «caso» – retorquiu o Evert; e logo de seguida: – Porquê, o que é que o Coyle andou a fazer?

– Não faço ideia. Penso que a ausência de notícias dele é uma boa notícia para ti. De certeza que, se acontecer alguma coisa, vamos saber os pormenores todos.

O coitado do Evert pareceu esgazeado só de pensar no seu rival a passar horas a fio sozinho com o Sparsholt, com autorização para o observar fixamente e o mandar mudar de posição, para analisar calmamente a nudez que ele, Evert, vislumbrara durante um mero segundo, e para, ao estilo meio abstrato dos artistas, o fazer falar sobre o seu passado, pensamentos e sentimentos. Perguntei-me, no entanto, se a exuberância do Peter não o assustaria. Tudo era, de certa maneira, um teste à inocência do Sparsholt. Gostaria ele, sendo caloiro de outro colégio, de receber atenção amical? Teria ele sequer noção de que as horas que passava com os pesos e maçãs o tornavam, aos olhos de um determinado tipo de pessoas, um objeto de desejo? Era uma daquelas perguntas acerca da vaidade masculina difíceis de formular e impossíveis de fazer diretamente ao homem em causa.

– Queres um copo de porto? – perguntei. Por sinal, um caso de natureza muito diferente tinha acabado de despontar na minha vida, embora eu ainda não conseguisse falar sobre ele, nem sequer com uma pessoa que demonstrava depositar tanta confiança em mim. A garrafa de porto estava relacionada com isso.

– Onde é que a arranjaste? – inquiriu o Evert, ao ver que era muito antiga e cara.

– Foi a minha tia que me ofereceu – respondi.

– Não sabia que tinhas uma tia – disse ele.

– Quase toda a gente tem uma tia – respondi –, se vires bem. – Raspei o selo enegrecido com o meu canivete. – Ela acabou de se mudar para Woodstock. Fui visitá-la ontem, de camioneta. – O Evert não estava a prestar atenção.

– Tenho uma tia por casamento – disse ele. – Está encalhada em Haia, coitada da velhota. – A família era uma fonte de preocupações para ele, preocupações às quais a vida me poupava; o meu pai, casado duas vezes, morrerá quando eu tinha dez anos e a minha mãe viúva vivia nas profundezas de Devonshire; Woodstock pareceu-me um lugar relativamente seguro para situar uma tia. Arranquei a rolha e servi-lhe uma dose generosa.

– À vitória, Evert – disse eu.

– Sim... – retorquiu, embora houvesse mais qualquer coisa que ele parecia relutante em abordar. Veio a lume daí a nada, sob a influência do porto, e quando isso aconteceu, tudo se tornou fulminantemente claro. – A questão é que... é que existe uma mulher – anunciou ele, sem olhar para mim; talvez tivesse receio de que me risse, ou dissesse (o que fiz para dentro): «É claro que existe.»

– Já a viste?

– Não, graças a Deus, mas ela ocupou uma grande parte da conversa.

– Ah, então, conversaram muito.

- É que eu não queria que ele se fosse embora.
- Descobriste quem ela é?
- O pior de tudo é que ela vem para Oxford. Vai-se mudar para cá.
- Deve querer ficar perto do David – respondi.
- O Evert lançou-me um olhar carrancudo.
- Vai ficar muito perto, lá isso vai. Mais perto era impossível.
- Estão noivos.
- Isso parece-me um pouco precipitado – disse eu, com mais tato. – Ele é muito novo. Seja como for, não sei se os alunos que ainda não têm a licenciatura se podem casar, podem? Nunca ouvi tal coisa.
- É claro que lhe perguntei qual era a pressa e ele respondeu: «Hoje em dia, nunca se sabe o que vai acontecer, pois não? Posso morrer antes de lá chegar.» E eu disse: «Então, por essa lógica, há muitas coisas que devias fazer agora, enquanto podes!»
- E que respondeu ele a isso?
- O Evert fez um sorriso enjoado.
- Disse que o que mais queria no mundo era ter um filho.

Eu acabara finalmente de ler o romance de Victor Dax e perguntei-me que trechos escolheria ele para ler no clube. Impressionou-me, embora não fosse propriamente uma leitura agradável; a minha consideração pelo texto tinha uma quota-parte de consideração por mim próprio, por ter chegado ao fim e conseguido perceber qual era a ideia. Era indiscutivelmente sério, enquanto eu gostava que a prosa tivesse pelo menos uma centelha de humor. O mais parecido que havia com uma piada eram umas citações de Erasmo e um ou outro comentário trocista sobre a classe trabalhadora. Não obstante, eu tinha visto os elogios solenes ao livro na última edição da revista *Horizon* e lido o longo artigo do TLS que o comparava favoravelmente à trilogia *O Bastão de Luz*,

livros que eu devorara nos últimos anos do liceu como o pináculo da modernidade e sofisticação. Se o Dax não estava a perder qualidades, então talvez estivesse eu a perder o interesse por ele.

Pensei que poderia conversar com o Peter Coyle sobre o romance e, no dia seguinte, fui ao Museu Ashmoleano. Se ia à espera de encontrar o Sparsholt esparramado, nu, num estrado em frente dele, dei com os burrinhos na água. O Peter tinha acabado de sair de uma aula de desenho do Professor Schwabe e estava mais irrequieto do que era hábito. Tinha saudades de Londres e a transferência da totalidade da Slade School para Oxford fora uma grande frustração para ele. E também não se entendia com o próprio Schwabe, que não parava de tentar eliminar do trabalho do Peter a sua forte veia fantasista. O conflito foi inevitável: o Professor era um artesão penosamente antiquado, perito em desenhos e gravuras topográficas, enquanto o Peter era romântico, extravagante e por vezes bastante tolo, e adorava meter-se irresponsavelmente por atalhos.

Ele deu baixa no registo junto da porta e saímos para a rua. Eu estava curioso sobre o Sparsholt, mas reticente em abordar o assunto; aqueles estados de espírito negros eram breves, mas intensos, enquanto duravam. Além disso, estava ciente de que agora via a situação do ponto de vista do Evert e era possível que o próprio Peter já não lhe desse tanta importância. Em Beaumont Street, passava, troante, uma infundável coluna do Exército, o espaço de oito segundos entre as camionetas a pautar o ritmo subliminal daqueles anos. O Peter atravessou a estrada a correr, enquanto eu, com a minha eterna propensão para tropeçar, ou deixar cair alguma coisa sempre que era necessário velocidade, fiquei à espera durante dois minutos até ter passado a fila inteira e o seu rasto compacto de bicicletas. Encontrei-o no Randolph, a pedir chá.

Começou a falar sobre uma peça para a qual lhe tinham pedido para pintar os cenários e um minuto foi o que bastou para se esquecer dos aborrecimentos da escola. Chamava-se *O Triunfo do Tempo*, uma peça alegórica de um género que não me cativava, mas que lhe dava a possibilidade excitante de fazer uns fundos em larga escala, embora eu duvidasse de que o Teatro Oxford tivesse tamanho suficiente para as imagens que ele concebia. Daí a pouco, consegui dizer, num tom quase indiferente:

– Pode ser que convenças o Sparsholt a encarnar um dos diabos, não o estás a ver pintado de escarlata? – e o Peter respondeu que recebera um bilhete curto dele; tinha-o ali consigo, no bolso.

«Caro Mr. Coyle», escrevera Sparsholt, «fiquei muito surpreendido ao receber a sua carta e espanta-me como é que teve conhecimento da minha existência! De facto, julgo que seria interessante fazerem-me o retrato, contudo, estou extremamente ocupado, de momento, e provavelmente preferirá arranjar outros modelos para o seu trabalho. Estou disponível às quintas-feiras ao final do dia, se não for demasiado tarde para si. Esperando receber notícias suas, apresento os meus cumprimentos, D. D. Sparsholt.» A carta era um diagrama de sentimentos divididos, escrita numa grafia rígida de menino de escola que cedia, aqui e ali, a uns largos floreados de adulto.

– Portanto, ele está demasiado ocupado – disse o Peter. Fiquei surpreendido com o meu próprio medo de que ele desistisse por completo do projeto.

– Bom, tem muito que fazer – comentei, e pu-lo a par das várias atividades do Sparsholt: o remo e o treino e, claro, as longas horas passadas nos laboratórios.

O Peter encolheu os ombros e olhou à sua volta, para as poucas pessoas que também estavam a tomar chá sob a suja abóbada gótica da sala. Enchi o bule com a água a ferver e mexi-a.

– Tenho andado a desenhar um rapaz jardineiro do Corpus⁵ – disse ele, com uma clara e misteriosa ênfase na palavra «desenhar».

– Nu? – perguntei.

– Acho mais fácil – respondeu o Peter, e deu-me um sorriso que parecia contar com a minha admiração e talvez tivesse algum prazer em chocar-me ligeiramente. Percebi que, para ele, era uma vantagem estar livre das ratoeiras da vida no colégio. No seu antro, ao fundo de Walton Street, não corria o risco de se cruzar com o David Sparsholt na casa de banho. Não havia o perigo mortal de esperar e espiar, nem o fatídico alvoroço de um encontro fortuito no pátio.

– E sabes que, além disso, tem de dar atenção à noiva – disse eu.

O Peter fungou ao de leve, como se confiasse que se tratava de uma piada.

– Estás a falar do Sparsholt?

– Estou, sim, senhor – respondi, abanando a cabeça. – Ele contou-me os pormenores todos.

O Peter refletiu um instante.

– Que giro – disse ele –, dentro do estilo. Mas não vai durar.

– Tencionam casar-se em breve – acrescentei.

Ele olhou novamente para a carta e, depois, guardou-a no grande casaco de *tweed*, num bolso que parecia estar a abarrotar com outras cartas.

– Tenho um sério palpite de que ela não entende a verdadeira natureza dele.

– Bom, talvez tenhas razão – disse eu.

– De qualquer maneira, como é que ela se chama?

– Isso é que eu não sei – respondi –, mas disse-lhe que gostava de a conhecer.

⁵ Colégio Corpus Christi. (*N. da T.*)

– Ah, disseste? – comentou o Peter, mais distraído do que rancoroso.

O facto de eu lhe ter mentido intrigou-me e talvez devesse ter-me alarmado. Eu concebera uma imagem involuntária e desfocada da noiva, como costuma acontecer em relação a alguém de quem se ouve falar, mas que não se conhece. Ainda estava tudo por descobrir. O Peter tinha o orgulho e o charme de um libertino, a par com a capacidade de um libertino de pôr de parte, com desprezo, qualquer pessoa que lhe resistisse. Fiquei na dúvida se lhe teria aguçado o interesse pelo David ou se, sem querer, o incentivara a esquecê-lo.

4

O quarto do Evert ficava na outra ponta do colégio e, ao contrário do meu, era virado para fora, não propriamente para o mundo, mas para o Prado⁶, com as suas vacas a pastar e distâncias brumosas. No carreiro de cascalho por baixo da janela dele, treinavam cadetes e passeavam casalinhos e, mais além, pela longa avenida de tílias, as equipas de remo de metade da universidade regressavam a casa ao crepúsculo, vindas do rio. Naqueles tempos, o edifício em que ele vivia era considerado um mamarracho vitoriano; para mim, as escadas de pedra e as janelas góticas suscitavam desagradáveis recordações da escola. Para deixar a sua marca nos aposentos, o Evert já andava a comprar quadros, uma gravura a cores de um noturno de Whistler, um desenho do

⁶ O Prado do Colégio de Christ Church, em inglês *The Christ Church Meadow*, é um espaço natural aberto no coração de Oxford, circunscrito pelos rios Tamisa e Cherwell, onde as equipas de remo treinam habitualmente; as zonas mais baixas servem de pastagem para o gado. (*N. da T.*)

Castelo de Windsor, aparentemente a arder, do Peter Coyle, um pequeno desenho de Sickert e umas quantas outras obras que trouxera de casa. Victor Dax era colecionador de arte e, segundo o Evert, tinha quadros importantes de Derain e Chagall. Oferecera ao Evert uma gravura a água-forte de um nu de peito opulento, da autoria de Anders Zorn, o que arrancara ao seu criado umas estranhas gargalhadas. Eu próprio achei uma prenda curiosa para um pai dar a um filho, mas percebi que havia um certo desprezo pelas convenções em muito do comportamento do Victor e, neste caso, talvez houvesse também um certo desejo de mudar o filho.

– Anda tomar uma chicória – disse o Evert, enquanto nos acovelávamos à saída do Salão, uns dias depois. – Já não te via há bastante tempo – disse, com um estranho sorriso; não sei se ele acharia que eu tinha voltado a encontrar-me com o Sparsholt.

– Tenho ficado em Woodstock, uma ou duas noites – disse eu –, a ajudar a minha tia velhinha, de quem te falei, a instalar-se. – Reparei, uma vez mais, que a minha tia não significava nada para ele e, depois de lhe deitar uma olhadela, pensei que não valia a pena acrescentar nada. Enquanto produto de ficção, ela era um triunfo quase demasiado grande: passava completamente despercebida. Dirigimo-nos para o pátio, à luz trémula da lanterna dele, tapada com fita-cola, que captava portas e degraus desnorteantes no escuro. O espaço estreito atrás do edifício do Evert, de paredes negras e empedrado como o pátio de um estábulo, erguia-se para o alto, até às empenas que eram pouco mais negras do que o céu.

A sala de estar dele estava duplamente sombria no *blackout*, com uns cortinados asfixiantes feitos de um tecido pesado, toscamente tingido, que manchava as mãos se os fechássemos nós próprios; emanavam um ténue cheiro a redes de ténis, agradável a princípio, mas opressivo ao fim de um tempo. Nessa noite – sabia

eu, mas o Evert não –, o Sparsholt ia posar pela primeira vez para o Peter. Reparei no ar preocupado dele, quando saímos do Salão. O encontro seria no quarto do Sparsholt, por trás daquelas portadas cerradas e certamente à porta fechada. Tinha o secretismo de uma missão e não pude deixar de pensar, enquanto o Evert despejava gotas de *Essence* nas nossas duas chávenas, até onde iria. Uma cabeça e uns ombros apenas, com certeza, naquela primeira sessão, que seria, no fim de contas, a primeira vez que se encontravam. Teria o Peter paciência suficiente para o jogo a longo prazo? Depreendi, desde o início, que o objetivo dele era seduzir e dei por mim a acreditar incoerentemente que talvez fosse capaz de o conseguir, enquanto o coitado do Evert não tinha a mínima hipótese.

Afinal, o Evert também fizera alguns pequenos progressos. Tinha ido até ao rio e seguira o carreiro ao longo da margem, sob uma chuvinha fina, enquanto a equipa de remo de Brasenose passava numa direção e depois na outra. Postara-se junto da barca do colégio, quando o barco chegara à plataforma de desembarque, mas estragara tudo; a sua tentativa de fazer um cumprimento surpreendido por cima das cabeças da equipa passara completamente despercebida. Perguntei-lhe porque é que não fazia qualquer coisa mais direta, como convidar o Sparsholt para tomar uma cerveja no Bear, uma noite, ou num dos *pubs* de St. Ebbe, se quisesse mais privacidade. Aparentemente, era um gesto demasiado direto para ele, por enquanto. Disse que não sabia se o Sparsholt bebia.

– Ah, tens um quadro novo – comentei, e levantei-me para o ver mais de perto. – Hmm... – Estava pendurado por cima da secretária dele, uma pequena pintura a óleo com uma moldura escura; pareceu-me uma obra abstrata, embora se me tenha afigurado uma paisagem, reduzida a faixas brancas, verdes e cinzentas. – O que é ao certo?

O Evert mostrou algum interesse no assunto. A princípio, pensei que tinha dito que era uma obra do Peter.

– Coyle, não, Goyle – corrigiu. – Stanley Goyle. Os nomes têm mais pareças entre si do que a obra deles.

– Bom, pensei... – respondi apressadamente. – Foi alguém que descobriste?

O Evert gostou claramente da ideia, mas disse:

– Ah, não, ele é muito conhecido. – Encontrara um indivíduo em Summertown que vendia quadros e que tinha vários de Stanley Goyle, e ele esperava, quando recebesse a mesada do pai no mês seguinte, comprar-lhe mais um. Explicou que pagara vinte e cinco libras, o que me pareceu muito. – É uma cena de Pembrokeshire, claro. – Examinámo-lo juntos, mas vi que o interesse dele pelo quadro, ou o prazer que sentia nele, não durara mais do que um minuto.

Os seus pensamentos estavam concentrados no fim de semana a seguir ao próximo e na missão de alerta aos fogos que todos teríamos de levar a cabo. A missão consistia em ficar de vigia a noite toda, com um colega, na Torre do Sino, revezando-nos no telhado, a ver se detetávamos engenhos incendiários ou outras atividades afins. Todos nós recebíamos a escala com duas semanas de antecedência e os pares eram propositadamente ao calhas. Eu estaria de serviço na sexta-feira com o Barrett, outro aluno de Brasenose, que eu mal conhecia. O Evert ficaria no domingo, com alguém que já não me lembrava quem era. Mas, entre essas duas datas, no sábado à noite, aparecia o nome D. D. Sparsholt, emparelhado, comicamente, com C. Farmonger: o Charlie, que torcia o nariz à obsessão dos seus amigos por aquele caloiro.

– Pergunto-me de que é que eles irão falar a noite toda – comentei.

– Não vão falar sobre nada – respondeu o Evert, com insolência, mas corou quando prosseguiu: – Eu troquei com o Charlie. Vou ficar de vigia com o Sparsholt... com o David.

– E como é que vais justificar a troca?

– Oh, tenho uma coisa para fazer no domingo – respondeu o Evert.

– Ah, está certo. Será uma boa oportunidade para se conhecerem.

– Vamos passar a noite juntos – disse o Evert, e a ideia pareceu assombrar-lhe o sorriso. Ver-teu a água a ferver nas chávenas.

– É capaz de haver muita ação – comentei. O *Blitz* ainda estava ao rubro e encontrávamo-nos a apenas oitenta quilómetros de Londres. – Como é que estão os teus pais?

Eles pareciam preocupá-lo menos, desde que o Sparsholt se tornara o centro das suas inquietações.

– O meu pai mandou a minha mãe para o País de Gales.

– Para junto da tua irmã? – Eu sabia que a bela Alex tinha sido mandada para casa da tia, em Tenby, no início do ano. Nessa altura, eu ainda não tinha visitado Cranley Gardens, mas, pelo que o Evert dizia, parecia que as coisas por lá eram a uma escala generosa. – Quer dizer que o teu pai ficou sozinho em casa?

– Tem a Herta para lhe fazer companhia.

– Claro. Espero conhecer a Herta, um dia.

– És capaz de lhe dar a volta – disse o Evert, observando-me atentamente –, mas são poucas as pessoas que conseguem.

– E não estás preocupado com as tuas coisas que ficaram em casa?

– Não tenho muita coisa. A maior parte dos meus livros está aqui. O meu pai guardou todos os quadros valiosos na cave.

– Pensei que não se devia fazer isso. As mangueiras dos bombeiros estragam tudo o que estiver na parte de baixo de uma casa.

– Ah, então ele percebeu ao contrário – disse o Evert. – Ainda assim, de certeza que a água faz menos estragos do que o fogo. – Levantou-se para vasculhar os discos empilhados ao lado da estante. A maior parte de nós, naquela altura, estava encalhada no que respeitava a discos; tínhamos poucos e, portanto, tocávamos sempre os mesmos. Ele escolheu uma peça descaradamente emocional de Tchaikovsky; ao fim de quatro minutos e meio, já as emoções dele tinham sido eficazmente afetadas. Virou o disco e ficou de pé, com o pequeno fogo a arder lentamente na lareira atrás de si. – Meu Deus, o que estará o Sparsholt a fazer agora? – disse, lançando os braços para fora quando os metais começaram a tocar um motivo qualquer fatídico.

– Sim, pergunto-me o mesmo.

– Achas mesmo que o Coyle está interessado nele?

O meu silêncio pareceu-me mais culpado do que antes.

– Oh, o Coyle interessa-se por montes de pessoas – respondi. – Mas, mesmo que esteja, é sol de pouca dura. – Senti que o Evert percebeu o que eu queria dizer realmente; fixou-me e, depois, desviou os olhos, e fiquei com a sensação de que alguma coisa se imiscuíra entre nós os dois. A orquestra avolumava-se e esmorecia.

– Acho que gostava de ser artista – disse ele, passado um pouco.

– Pois eu desconfio – contrapus – que os artistas não se divertem tanto como gostam de nos fazer crer. – Mas percebi que, aos olhos do Evert, eles desfrutavam de uma liberdade infinita.

No dia seguinte de manhã, cruzei-me por acaso com o Peter na Blackwell's. Ia com um rapaz moreno que ele pareceu relutante em me apresentar; perguntei-me se saberia sequer o nome dele.

– Chamo-me Freddie Green – disse eu.

– Ah, George Chalmers – respondeu o desconhecido, e demos um aperto de mão. O Peter pareceu-me ligeiramente irritado.

– Como é que correu com o Sparsholt? – perguntei.

– O quê, ontem à noite? – Ele semicerrou os olhos, como se tentasse ver uma recordação muito mais distante. – Estive lá pouco tempo.

– Mas fizeste um desenho?

– Fiz só uns esboços rápidos.

– E entendeste-te bem com ele?

– Eu não estava para aí virado, Freddie – disse o Peter. – Às vezes acontece. – Sorriu para o George Chalmers, que talvez fosse o seu próximo modelo.

– De que diabos falaram? – insisti.

O Peter fitou-me com uma expressão bastante estranha.

– Se queres saber, falámos sobre ti. Ele não sabe o que pensar de ti.

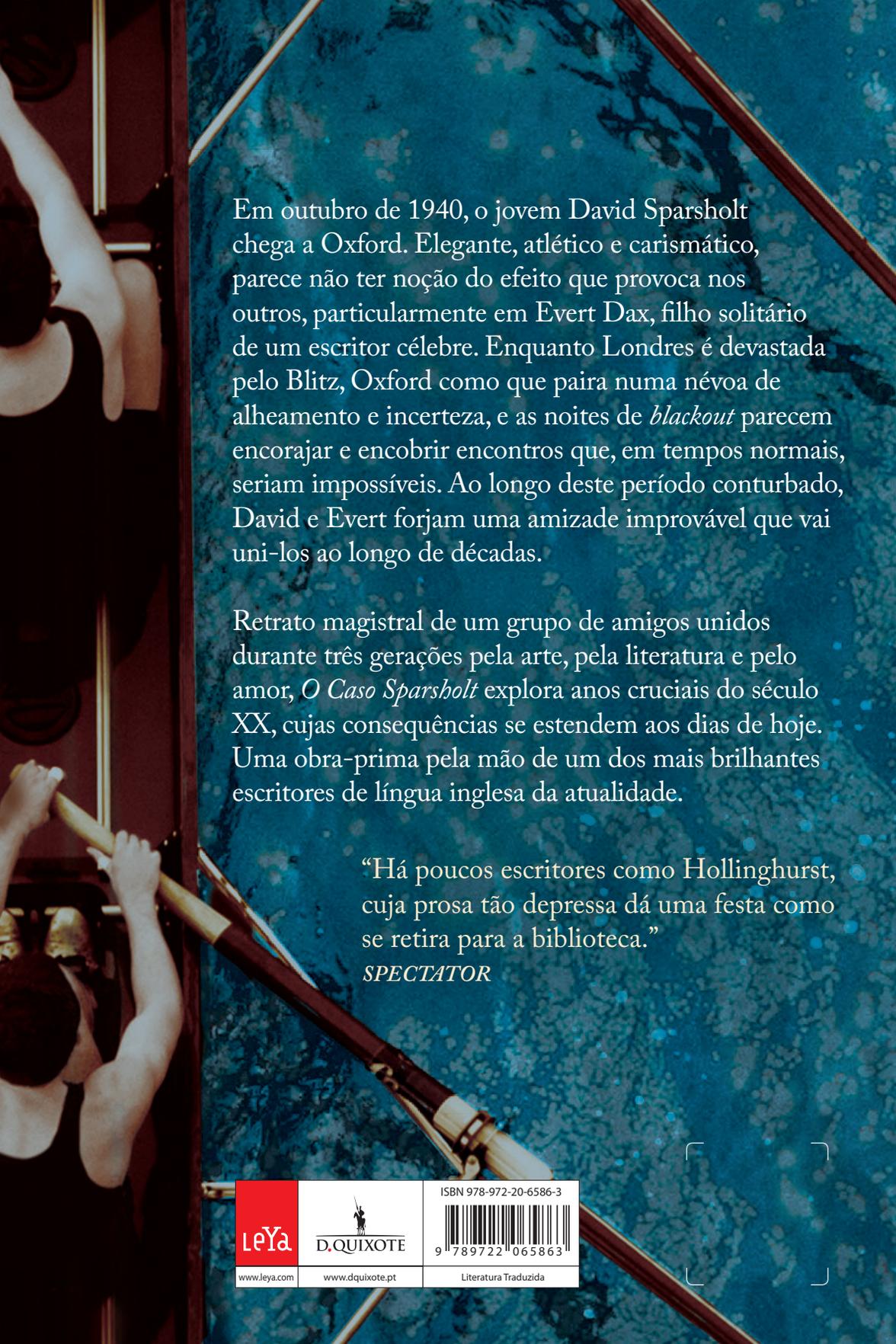
– Ah – disse eu, divertido e, ao mesmo tempo, ligeiramente magoado –, achei que tinha sido simpático para ele.

– Sim, sim, ele disse que foste. Provavelmente não está habituado ao teu estilo. É de Nuneaton.

– Ah... está bem. – Havia qualquer coisa de nulo naquilo, enquanto informação, embora o único facto que eu soubesse sobre Nuneaton era que a George Eliot também lá nascera.

– Bom, temos de ir – disse o Peter, e conduziu o seu silencioso modelo, se era realmente esse o papel do seu acompanhante, para fora da livraria. O George Chalmers deve ter dito qualquer coisa, porque ouvi o Peter dizer ríspidamente:

– Não, não é – quando saíram para a rua.



Em outubro de 1940, o jovem David Sparsholt chega a Oxford. Elegante, atlético e carismático, parece não ter noção do efeito que provoca nos outros, particularmente em Evert Dax, filho solitário de um escritor célebre. Enquanto Londres é devastada pelo Blitz, Oxford como que paira numa névoa de alheamento e incerteza, e as noites de *blackout* parecem encorajar e encobrir encontros que, em tempos normais, seriam impossíveis. Ao longo deste período conturbado, David e Evert forjam uma amizade improvável que vai uni-los ao longo de décadas.

Retrato magistral de um grupo de amigos unidos durante três gerações pela arte, pela literatura e pelo amor, *O Caso Sparsholt* explora anos cruciais do século XX, cujas consequências se estendem aos dias de hoje. Uma obra-prima pela mão de um dos mais brilhantes escritores de língua inglesa da atualidade.

“Há poucos escritores como Hollinghurst, cuja prosa tão depressa dá uma festa como se retira para a biblioteca.”

SPECTATOR

 <p>LeYa</p> <p>www.leya.com</p>	 <p>D. QUIXOTE</p> <p>www.dquixote.pt</p>	<p>ISBN 978-972-20-6586-3</p>  <p>9 789722 065863</p> <p>Literatura Traduzida</p>
---	---	--